

Episódios quotidianos da luta contra os bandidos



● Quatro histórias contadas por quem as viveu

Muitos conhecem ou por bastas vezes ouviram já falar das barbaridades cometidas pelos bandidos armados que actuam em diversas zonas do país, assassinando civis, violando mulheres e crianças, sabotando infra-estruturas sociais e económicas; roubam, saqueiam e semeiam a intranquilidade no seio das populações indefesas. Porém, não será demais incluir aqui e agora, depoimentos daqueles que sofreram nas mãos dos bandidos armados ou foram testemunhas do vandalismo desses marionetes. Os três primeiros depoimentos aqui inseridos foram recolhidos pelo repórter Pedro Mondlane, da Rádio Moçambique.

Uma camponesa do distrito de Magude, província do Maputo, Avelina Nhlongo de seu nome, contou que teve um encontro com os bandidos armados, e se escapou, foi porque reunindo todas as suas forças, logrou vencer um bandido armado numa desigual luta corpo a corpo que até hoje guarda na memória.

O HEROÍSMO DE UMA CAMPONESA

«Encontrei-me com eles na lagoa Marhambu Mahala, ao pôr-do-sol. Eu estava a lavar os pés e não dei pela chegada deles. Pus-me a fugir, mas à frente fui

cair nas mãos de dois deles que tinham capturado uma pessoa da minha zona. Então voltei de novo para trás, a correr, e um deles perseguiu-me. Apanhei um pau no chão e continuei a correr.

«Quando o bandido já estava muito perto de mim tive medo que ele disparasse e parei. Virei-me para ele. Quando chegou ao pé de mim deu-me uma bofetada, e eu respondi-lhe com uma paulada. Bateu-me a segunda vez e eu também lhe dei com a segunda paulada, deu-me a terceira bofetada e eu respondi-lhe com a terceira paulada e o pau partiu-se. Então tirei a capulana e lutei

com o bandido até que consegui agarrar a arma dele. Lutámos tenazmente... ele a tentar recuperar a arma. Lutámos e eu acabei por dominá-lo e deitei-o abaixo. Com a arma dele dei-lhe duas coronhadas. Voltou a agarrar-se a mim, tentando arrancar a arma, mas não conseguiu! Dei-lhe a terceira coronhada. Já cheia de medo, deitei a espingarda a uma distância segura e fugi. Estava já a cair a noite.»

O bandido estava morto, coisa que só depois se veio a confirmar. Ela prossegue:

«Na minha fuga corri directamente para o quartel onde fui contar o que tinha sucedido».

Avelina Nhlongo disse que os outros bandidos haviam capturado na mesma lagoa mais três mulheres, uma das quais deixaram regressar, enquanto outra logrou escapar pelos seus próprios meios durante o tiroteio que se gerou na confrontação com as FPLM, que, a seu aviso, foram em perseguição dos bandidos.

CRIANÇA VIOLADA EM FRENTE DA MÃE

Lina Francisco Cuna, menor de 10 anos de idade, foi raptada na localidade de Pajane, no distrito de Magude, juntamente com sua

mãe Celeste Ubisse. Os bandidos mantiveram-nas cativas durante uma semana de angústia. Sua mãe foi poupada à violação, porque — disseram — era velha. Mas, impuseram-lhe a dor e humilhação de ver a sua filha a ser possuída à força por um dos bandidos.

«Tentei negar. Mas, fui ameaçada de morte se recusasse.» — diz a pequena Lina. «Disseram que queriam ensinar-me como se faz.»

«Eu e a mamã fugimos quando as Forças Populares vieram destruir a base de Matongomane, onde nos mantiveram cativas.»

A MENINA QUE PERSUADIU BANDIDOS

O repórter da «RM» entrevistou uma menina, no mesmo distrito de Magude, Vitorina Novela, que disse não conhecer a sua idade. Esta menina conseguiu levar

dois bandidos armados até às Forças Armadas (FPLM).

«Eu ia à machamba e encontrei-os parados no caminho. Perguntaram-me pelo caminho mais curto para Mapulanguene e disseram que vinham do Chókwè. Disseram que estavam a fugir dos matsangas e que eles próprios não eram matsangas e que não devia ter medo deles.»

Vitorina Novela não caiu na fita, e porque havia percebido serem bandidos, fez-lhes notar que toda a área estava ocupada pelas Forças Populares e que não havia possibilidade de chegarem a Mapulanguene. «Eu disse-lhes que a partir de Chicossane até lá os soldados ocupavam tudo, e que o melhor era irmos até à cantina. Responderam-me que tinham medo das tropas e eu disse-lhes que as tropas que estavam lá não prendiam ninguém e que iriam deixá-los seguir para as suas ca-

sas. Assim, vim com eles e quando chegámos lá eles foram presos.

O COMISSÁRIO PROCURADO

No distrito da Moamba, o Comissário Político da Localidade de Massequenha para as Milícias Populares é quem presta assistência ao treinamento da população, porque «a orientação do Camarada Presidente foi de fazer de 1984 ano de treino para toda a população para saber manejar a arma, para acabar com os bandidos armados».

Após que a acção dos milicianos e população armada, começou a atormentar os bandidos, o Comissário tornou-se na pessoa indesejável para os bandidos armados que estavam na zona. Nas suas investidas, a eliminação física do Comissário das milícias era o seu objectivo principal. «Os bandidos andaram à minha procura até à localidade de Massequenha. No dia 14 de Abril de 1984 chegaram. Veio uma senhora avisar-me, e eu tratei logo de organizar as forças para o combate. Eles eram dois grupos, um dos quais se dirigiu para a base das milícias, que era na cantina, e capturaram o Secretário da Célula do Partido desta localidade. O Comandante deles ordenou que o Secretário, porque colabora com o Comissário, devia ser morto e queimado».

«Dirigi o grupo de milicianos em direcção à cantina, e quando lá chegámos encontrámo-los ainda a puxar o Secretário, amarrado, para dentro da cantina. Perante o nosso fogo os bandidos nem tiveram tempo de assassinar o Secretário. Dispararam três tiros contra ele, com arma tipo AKM, mas falharam todos, porque já tinham medo perante o nosso fogo. Fugiram em debandada junto com o comandante deles».



Lina Francisco Cuna,
menor de 10 anos,
violada pelos
bandidos armados